

A MORDIDA NA CRECHE: quais os significados dessa expressão infantil?

Ivanilda da Silva Santana Nóbrega¹

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira²

RESUMO

A presente pesquisa teve como finalidade analisar as situações de interação em sala de aula, em uma turma de berçário e outra de grupo I (0 a 23 meses de idade), pertencentes a uma creche da rede municipal do Recife em que a mordida aparece como manifestação. Isto, tendo como um dos focos principais os processos de significação que essas manifestações podem adquirir na interpretação e intervenção dos adultos, com apoio na perspectiva teórica da Rede de Significações. Para tal, foi realizado um estudo de cunho etnográfico através de entrevistas (20) com profissionais da educação e pais, bem como, (5) observações e videogravação em sala de aula. Os resultados indicam que a maneira como estes profissionais e pais significam e intervêm sobre o fenômeno da mordida está relacionada com o contexto sociocultural ao qual estão inseridos e aos discursos sociais que mais lhes são apresentados.

Palavras-chave: Mordida. Educação Infantil. Rede de Significações.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada toma forma a partir das experiências profissionais da primeira autora, como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) e das discussões vivenciadas no meio acadêmico, enquanto aluna universitária de Pedagogia, que despertaram seu interesse para o problema de pesquisa sobre as manifestações de agressividades, na Educação Infantil, apresentadas através das mordidas.

¹ Aluna concluinte do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco
ivanildasantana07@gmail.com

² Orientadora Prof^a Dr^a da Universidade Federal de Pernambuco
tandaa@terra.com.br

No cotidiano com as crianças, observando a atuação das professoras e auxiliares de desenvolvimento infantil e ouvindo relatos informais dos pais/cuidadores, foi possível perceber que a mordida na Educação Infantil quase sempre é relatada como um ato de pura agressividade ou indisciplina, em que são apontados um ou mais culpados, mesmo quando isso se refere a crianças da faixa etária de 0 a 3 anos de idade.

Contraditoriamente, a partir do diálogo com diferentes teóricos contemporâneos, mais especificamente com os autores que tratam da noção de infância e das manifestações de agressividade infantil, e na interação com os objetivos dessa investigação, percebeu-se que algumas pesquisas trazem a agressividade e o desenvolvimento infantil com outras perspectivas. É o caso da Psicanálise, quando seu autor principal, Sigmund Freud, fala das fases do desenvolvimento infantil e traz o conceito de agressividade como algo constitutivo do eu e necessário ao próprio desenvolvimento. E da Teoria Sócio-interacionista defendida por Levy Vygotsky, que afirma que o desenvolvimento psicológico não pode ser visto como um processo abstrato, descontextualizado ou universal.

Além dessas teorias, buscou-se outras até chegar à Teoria da Rede de Significações (RedSig), que tem Wallon como um dos contribuintes, e que foi assumida como norte nessa pesquisa. Nessa perspectiva, as atitudes do bebê são (re)significadas conforme preceitos do grupo/instituição escolar e dos familiares a que ele pertencer (AMORIM; SAULLO; ROSSETTI-FERREIRA, 2013; ANJOS et al., 2004).

Através da *metáfora de rede*, a RedSig explica que o desenvolvimento humano se dá a partir de processos estabelecidos pelas pessoas em contextos específicos e variados, e que esses contextos estão sempre em interação com os de outras pessoas, pois ninguém se constitui de maneira isolada. No caso do bebê, essa necessidade de interação surge desde o nascimento, quando este, pela sua imaturidade e incompletude, sente a necessidade do outro e da sua assistência prolongada.

Segundo Wallon (apud Rossetti-Ferreira, et al., 2004, p.24), as atitudes do bebê tomam forma por meio da interação com o outro e do movimento deste, principalmente, quando esse outro completa e interpreta o bebê para o mundo e o mundo para ele. Esse outro, geralmente, é a mãe ou o pai, embora outras pessoas possam assumir ou compartilhar esse lugar (avós, tios, irmãos, educadoras de creche e pré-escolas etc.). Wallon é um dos precursores das pesquisas referentes ao desenvolvimento humano,

trabalha com a emoção, que é uma importante ferramenta para a compreensão do desenvolvimento infantil, e sempre destacou a influência do meio social no desenvolvimento humano, o que dialoga com a RedSig e, por isso, é citado nesta pesquisa.

Na tentativa de averiguar se já existiam trabalhos desenvolvidos sobre o tema mordidas na creche e quais perspectivas em que se fundamentavam, foram feitas buscas nos principais portais de pesquisas, como Google acadêmico, Scielo, Capes, bem como na Revista de TCC da UFPE, levando em consideração o período de tempo entre 2002 e 2014. Utilizou-se das seguintes palavras-chave: agressividade e agressividade infantil, Educação Infantil, Interação Social entre bebês e a Rede de Significações. Vários trabalhos foram encontrados, mas a maioria trazia conceitos e definições baseados nas Teorias de Freud, de Vygotsky e de Lacan. Apenas dois dos trabalhos encontrados fundamentam-se na perspectiva da Rede de Significações: “*O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos*” – (AMORIM; COSTA; FERREIRA; MOURA; RODRIGUES, 2012) e “*Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e construção do sujeito – um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche*” (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA; SAULLO, 2013). E apenas este último faz uma relação entre a mordida na educação infantil e a RedSig.

Diante da lacuna em termos de trabalhos empíricos com o referencial escolhido, esta pesquisa procura responder às seguintes perguntas: Em que situações de interação em sala de aula, as crianças de berçário e grupo I se utilizam da mordida? De que maneira as professoras significam e atuam nestas situações? Como os pais significam essas situações? Tem-se, então, como **objetivo geral**: analisar as situações em sala de aula, de crianças de 0 a 23 meses de idade, em que a mordida aparece como manifestação. E como **objetivos específicos**: (i) identificar as situações em que as crianças se utilizam da mordida nas interações em sala de aula; (ii) analisar como as professoras, estagiárias e os auxiliares de desenvolvimento infantil atuam e significam essas situações; (iii) analisar como os pais significam essas situações de expressão de mordida pela criança, em sala de aula.

Com a realização desta pesquisa, pretendeu-se trazer contribuições para o trabalho de profissionais da educação infantil e de pesquisadores interessados nas situações de

interação, na creche, em que a mordida se manifesta. Isto no sentido de provocar reflexões que favoreçam intervenções adequadas.

Destarte, apresentados a introdução e os objetivos parte-se para o Marco Teórico que foi dividido em três seções, quais sejam: Conceitos sobre a RedSig; A Educação Infantil no contexto de educação coletiva-creche; A criança de berçário e grupo I e as manifestações de agressividades - mordidas. Em seguida, são mencionados os procedimentos utilizados para a construção dos dados, os Resultados e Discussão e, por fim, as Considerações Finais.

1.1- CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA REDE DE SIGNIFICAÇÕES

Os pilares dessa perspectiva encontram-se em autores sócio-históricos ou histórico-culturais, como Vygotsky (1991; 1993), Wallon (1986), Valsiner (1987,1997) e Bakhtin (1981, 1997), mas também abrangem autores da Psicologia do Desenvolvimento e Social como Bronfenbrenner (1977, 1996) e Bruner (1997). Desenvolveu-se por meio do diálogo entre pressupostos teóricos e estudos empíricos com o intuito de auxiliar na compreensão do processo de desenvolvimento humano.

A RedSig propõe que o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos, imerso em uma malha de elementos de natureza semiótica e inter-relacionados entre si de maneira dinâmica e não como mera agregação ou apenas soma de partes. Dessa forma, as pessoas enquanto envolvidas nessa malha, contribuem para o seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento das outras pessoas. Surge, assim, a variabilidade dos significados devido às interações existentes que influenciam o percurso do desenvolvimento, dependendo dos contextos em que ocorrem essas interações.

Essa perspectiva admite a existência de uma complexidade de processos que envolvem o desenvolvimento humano, por isso o considera a partir das relações às quais ele se encontra articulado, pertencente e submetido, através da *metáfora de rede*. Assim, esta metáfora foi incorporada nessa perspectiva na tentativa de dar conta das múltiplas articulações e de compreender a complexidade em que as pessoas e seus processos de desenvolvimento estão inseridos. Desse modo, a rede em que uma pessoa se encontra

imersa articula-se com outras redes de várias outras pessoas e grupos. Não existindo, assim, uma única rede de significações, mas sim, várias.

Desse modo, Morin (1990, apud Rossetti-Ferreira, et al; 2008) afirma que trabalhar com o paradigma da complexidade, implica considerar os processos como se ocorressem dentro de um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados. O que possibilita pensar os processos desenvolvimentais como um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações e acasos que constituem a realidade (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA; SILVA-SOARES; OLIVEIRA, 2008, p. 151).

Como elemento central dessa teoria, estão os campos interativos, por ser fundante no processo de desenvolvimento humano, visto que este necessita da interação com o outro desde o seu nascimento e que por sua prolongada imaturidade não sobreviveria sem esse outro. Entretanto, esta relação é maximizada e estabelecida através da emoção que faz com que o outro reaja e interaja com o bebê de maneira a significar o mundo para ele e ele ao mundo de maneira dialógica, direcionando, de certa forma, o desenvolvimento da criança.

Pelas interações vividas, pelas quais o ser humano se constrói e influencia na construção do outro, a RedeSig opta pelo uso do termo *pessoa*, por fazer referência aos processos de co-construção da pessoa-meio. Além de afirmar que esses processos interativos possuem uma natureza semiótica, afirma também que eles são compostos por elementos sociais, políticos, históricos e culturais, ou seja, que eles possuem uma matriz sócio-histórica. Esta, por sua vez, é composta por uma multiplicidade de significados.

Tal multiplicidade de significados contradiz a qualidade homogênea e determinística que frequentemente é atribuída às dimensões socioculturais, revelando que a matriz sócio-histórica contribui para circunscrever de modo mais flexível os processos de desenvolvimento das pessoas (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004).

Assim, a matriz sócio-histórica contribui tanto para o desenvolvimento das pessoas como é transmitida, preservada e modificada pelas ações e interações dessas pessoas.

Destarte, é preciso considerar o lugar e o momento em que esses processos desenvolvimentais acontecem. Para a RedSig, o tempo nos processos de

desenvolvimento é visto por duas abordagens: *a primeira* diz que através do momento real dos acontecimentos pode-se verificar vários tempos (evidências multitemporais), dentre eles, um passado ainda ativo no presente, e propõe a existência de quatro deles intimamente interligados: o tempo presente, o tempo vivido, o tempo histórico e o tempo prospectivo, evidente, que para cada pessoa são diferentes os significados e os sentidos que derivam do tempo, até por conta dos diferentes componentes pessoais, diferentes campos interativos e matriz sócio-histórica; *a segunda* é o tempo como devir, como uma dimensão que transcorre no desenrolar dos processos, trazendo a noção de movimento e contínuas mudanças e organizações dos acontecimentos (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA; CARVALHO, 2004, p.27-28). Além da multiplicidade dos significados, das evidências multitemporais e da complexidade de processos que envolvem o desenvolvimento humano, existem outros desafios em se trabalhar com a perspectiva da RedSig.

1.1.2- Desafios Metodológicos da Rede de Significações

A perspectiva teórico-metodológica da RedSig vem sendo elaborada de forma a constituir uma ferramenta capaz de auxiliar tanto nos procedimentos de investigação como na compreensão do processo de desenvolvimento humano (ROSSETTI-FERREIRA; et al., 2004). Por isso, os desafios encontrados pelo pesquisador que se utiliza dessa perspectiva são muitos, pois, ele terá que analisar um conjunto de elementos de ordem pessoal, relacional e contextual que interage na realidade investigada (OLIVEIRA; ANJOS et al., 2008). Dialogar com diversos autores, buscar novos paradigmas e interagir com o objeto da investigação são outros desafios apontados e necessários.

Dessa forma, compreender a complexidade e os fenômenos por ela causados é o primeiro passo para lidar com esses desafios, pois o pesquisador precisará estar aberto e atento às diversas perspectivas envolvidas. Além de precisar fazer uso de uma visão sistêmica, o que lhe permitirá considerar o caráter da sua investigação e situá-la em contextos histórico-culturais, observando, assim, os diversos conjuntos de interações em que as pessoas estão envolvidas e, conseqüentemente, em que se dá o desenvolvimento, sem desconsiderar também a possibilidade de se utilizar da alteridade.

As incertezas devido às múltiplas interações e aos diversos sistemas envolvidos também se constituem em outro desafio a ser enfrentado pelo pesquisador, pois surgem fenômenos aleatórios, indeterminações e contradições que devem ser considerados e, portanto, o pesquisador terá que trabalhar com a imprecisão e com a ambiguidade para a compreensão dos seus fenômenos. Além disso, terá também o desafio de, na vasta complexidade, não deixar de perceber as partes isoladas ou olhar os micro eventos envolvidos (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004).

No caso desta pesquisa, estes desafios são bem explícitos, pois, pretende-se analisar as situações em que os bebês se desenvolvem, visto que, estas se constituem em diversos contextos, como é o caso da creche, onde várias pessoas estão direta e indiretamente envolvidas e cada qual com suas perspectivas próprias dão sua parcela de contribuição ao desenvolvimento do bebê.

1.2- EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO COLETIVA - CRECHE

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade da família ou do grupo social ao qual ela pertencia. E por um longo período na história não havia uma instituição que compartilhasse essa responsabilidade com as famílias e com a comunidade das quais estas faziam parte. Portanto, a educação infantil como a conhecemos hoje, é um fato muito recente. Devido às mudanças na sociedade, nas maneiras de se pensar o que é ser criança e à importância que se deu a essa fase de desenvolvimento humano é que foi possível ocorrer as modificações que conhecemos hoje em relação ao trato com a educação infantil (BUJES, 2001).

Porém, as creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e o seu aparecimento tem sido muito associado com o trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial, com o intuito de proteger as crianças de influências negativas, de preservar a infância, além da influência das ideias dos médicos higienistas e dos psicólogos.

A creche hoje é considerada a primeira etapa da educação infantil e no Recife é vinculada à Secretaria de Educação Esporte e Lazer, tendo como finalidades o desenvolvimento intelectual, social e emocional das crianças (BRASIL, 1996). A creche acolhe as várias dimensões do cuidar/educar, tendo os princípios éticos, políticos e estéticos como base para a formação dos pequenos sujeitos. Dentro dessa configuração,

a Educação Infantil em instituições coletivas deve reconhecer a criança em todas as suas potencialidades, possibilitando a sua interação com o outro, com o mundo ao seu redor, participando, assim, do seu desenvolvimento e, conseqüentemente, do desenvolvimento do outro.

Contrariando esta visão, estão alguns setores da área da saúde que criticam a educação de crianças em ambientes coletivos pelo fato destas serem submetidas a um aumento no risco de doenças infecciosas. Contudo, em qualquer sociedade, a criança, ainda nos primeiros anos de vida, passa a ter contato com outras crianças. Ademais, esse contato tem ocorrido cada vez mais precocemente, em função de transformações socioeconômicas e culturais, as quais têm promovido o compartilhamento da educação de crianças cada vez mais novas em ambientes coletivos do tipo creche (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA; VITÓRIA, 2000). Fica evidente que, devido a essas transformações sociais e às novas necessidades das famílias, a creche se tornou uma alternativa concreta e adequada de compartilhamento de cuidados de crianças (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM, 2004, p. 102).

A educação em creche envolve dois processos indissociáveis: o educar e o cuidar, sem os quais, os pequenos, dificilmente, poderiam sobreviver (BUJES, 2001). Ao se considerar esses dois processos na educação infantil, percebe-se que a forma de concebê-la trará conseqüências para a organização das experiências que lá ocorrem, dando-lhes características que poderão marcar as identidades como instituições que são diferentes da família, embora ainda exista uma luta constante dos profissionais da educação em tentar desvincular a visão de creche do caráter assistencialista.

No Brasil, as formas de conceber e atuar junto ao bebê são diversificadas. Vários são os discursos que surgem e as maneiras como as pessoas significam a creche podem vir a contribuir para que as famílias a escolham como opção mais adequada para colocarem seus filhos ou, simplesmente, as façam repudiar e caluniar as práticas pedagógicas e os tipos de cuidados oferecidos nesses ambientes.

Segundo Rossetti-Ferreira, et al (2004), a creche cria maiores campos de interação criança-criança pelo fato de existirem mais crianças e menos adultos, e impõe possibilidades e limites às próprias brincadeiras, dependendo de como são organizados os ambientes e as atividades na creche. Então, a proposta desta instituição precisa

possibilitar o desenvolvimento infantil em direção a se construir uma pessoa autônoma e criativa.

Destarte, nesse modelo teórico, compreende-se que é quase impossível que haja um único modelo de creche no Brasil, pois cada uma vem imbricada com sua própria história, com o atendimento a um determinado perfil de população, com um suporte financeiro e administrativo único, sem contar com as diversas formações entre seus profissionais, que têm seu próprio embasamento teórico, e cada unidade educacional desenvolve uma rotina e relações com as famílias e crianças que são bastante diversas e únicas. Por isso, Rossetti-Ferreira e Amorim (2004) afirmam que é impossível falar de creche de maneira generalizada e indiferenciada.

1.3- A CRIANÇA DE BERÇÁRIO E GRUPO I - E AS MANIFESTAÇÕES DE AGRESSIVIDADE -MORDIDAS

É nesse ambiente que o bebê passa a conviver com novas pessoas e a construir novas relações. Com isso, a criança, que antes estava mais centralmente em casa com familiares, tem possibilidades de interação alteradas e ampliadas com a participação, agora, de profissionais da educação e de pares de sua idade (AMORIM; VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000).

Porém, os bebês não utilizam a palavra para se comunicar, mas comunicam muitos pensamentos, sensações, desejos e emoções, o que exige uma maior atenção por parte do adulto, na tentativa de compreender suas diversas formas de comunicação e expressão. Dessa forma, muitos pesquisadores apontam para a necessidade de organizar os espaços e ambientes das creches de maneira a possibilitar as experiências, as interações, a atender às necessidades de movimentação e a incentivar as descobertas e aprendizagens, sem esquecer também, da necessidade de se ter profissionais mais sensíveis e observadores.

Para a Rede de Significações, as ações do bebê são entendidas segundo sistemas de representação do grupo em que ele está inserido (nesse caso: creche/família), ou seja, suas ações são mediadas pelo outro, porém, isso não significa dizer que o bebê reproduz o outro no seu desenvolvimento. Mas, o interpreta e é interpretado por ele, e à sua maneira se comunica e produz algo novo. E por isso, sempre se destaca a mediação

externa sobre o comportamento do bebê, assim como, o campo interativo e o contexto em que ele está inserido.

Contudo, as diversas interações existentes entre bebês são em sua maioria influenciadas pela significação que lhes é dada, pelo contexto em que estão inseridas ou pelo momento em que ocorrem. Isto, quase sempre, com a presença do adulto e/ou de um objeto como mediador dessas interações, que podem ser observadas através de comportamentos socialmente orientados, como sorrisos, vocalizações e contatos físicos.

Porém, para autoras como Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1997 apud Anjos et al., 2004, p. 515), por exemplo, o conceito de interação passou por reelaborações e foi concebido como algo que engloba mais do que o simplesmente fazer algo juntos, podendo contemplar, assim, a regulação recíproca, implícita e não necessariamente intencional. Desse modo, no caso dos bebês, para tentar compreender seu comportamento é preciso considerar o comportamento ou até mesmo, a existência dos outros à sua volta.

E assim, surgem os primeiros problemas quanto à questão principal, que será investigada nesta pesquisa, que é o fato de como essas interações são (re)significadas quando apresentadas através de mordidas. As mordidas são consideradas como manifestações da agressividade e as práticas discursivas que surgem, em sua maioria, referem-se à agressividade sobre adultos ou adolescentes e/ou são admitidas como um comportamento inato ou de personalidade, o que por vezes, só agrava a situação, rotulando a criança como mordedora, limitando seus espaços e interações ou até mesmo reforçando tal atitude e, conseqüentemente, tomando-se cuidado com o bebê e não, cuidando do bebê. Porém, não é a mordida em si que precisa ser discutida, mas sim, o seu significado.

A RedSig propõe a mediação como processo dialógico, com construção conjunta de significações e reconstituições de papéis, pois, os campos interativos dialógicos ocupam um lugar de destaque nesta perspectiva, sendo considerados centrais até, fundantes, no processo de desenvolvimento humano. Porque, o bebê desde o nascimento, é dotado de um repertório complexo, com um alto grau de organização perceptiva e expressiva, com a emoção permitindo estabelecer e maximizar um intercâmbio com o *outro social*, revelando-se como constitutiva na formação do vínculo com o outro (Carvalho, 1998; Bussab e Ribeiro, 1998, apud Rossetti-Ferreira et al,

2004, p. 24). E isso só é possível porque o outro é capaz de (re)agir e ser mobilizado à emoção, ficando perceptível assim, o sistema interativo existente.

Assim, entende-se que as atitudes do bebê tomam forma a partir do outro e de seus movimentos, ou seja, esse outro age como seu mediador e insere a criança nos diversos contextos e posições sociais. Da mesma forma, é por meio das ações com o bebê que, os papéis desses outros, são aceitos ou rejeitados e suas ações se completam e/ou tomam significados. E fazem com que esse(s) outro(s) favoreça(m) certas condições e direções para o desenvolvimento da criança, então, por meio do processo dialógico, cada pessoa tem seu fluxo de comportamentos continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio. Sobre isso, Oliveira (1988 apud Rossetti-Ferreira; et al, 2004, p. 25) afirma que:

Ao agirem, as pessoas dialogicamente transformam seus parceiros de interação e são por eles transformadas, assim como se modificam as funções psicológicas que lhes dão suporte, remodelando seus propósitos e abrindo-lhe novas possibilidades de ação, interação e desenvolvimento.

De acordo com Rossetti-Ferreira et al. (2004, p. 25), múltiplos papéis e posicionamentos são possíveis de serem apreendidos e transformados por cada pessoa, ao longo de seu desenvolvimento, a partir das múltiplas e complexas experiências pessoais, em contextos variados nos quais diversos recursos sócio-culturais se encontram disponíveis.

Dada a complexidade e a noção de rede existentes na perspectiva da RedSig, entende-se que o desenvolvimento humano se dá também em meios a conflitos e crises que poderão ou não serem superados e que se revelam como parte integrante do processo de constituição das pessoas e situações.

A partir dessas reflexões, percebe-se que o ato de morder, quando apreendido como sendo agressivo, pode ser transformado e (re)significado, e não pode ser analisado de forma isolada. Contudo, os adultos próximos das crianças precisam refletir sobre suas atitudes e sobre as maneiras como se dirigirem a elas, pois poderão ou não, estar reforçando algumas ações, no entanto, não existe uma forma única a ser seguida na tentativa de oferecer guias práticos para resolver tais situações, até porque cada realidade é única e tem as suas especificidades.

2- CAMINHO METODOLÓGICO

O local escolhido para a realização desta pesquisa foi uma Creche Municipal da Prefeitura da Cidade do Recife que atende aproximadamente 100 crianças e possui: 5 salas, secretaria, refeitório, cozinha central, lactário, parque externo, entre outras dependências. Entretanto, a pesquisa desenvolveu-se com o foco em duas turmas: uma de Berçário com crianças de zero a doze meses, tendo um total de quinze crianças matriculadas; e outra turma de Grupo I com um total de vinte crianças com idade entre treze e vinte e três meses e seus respectivos pais/cuidadores. São crianças que a princípio não têm a linguagem oral desenvolvida, mas que estabelecem ricas e variadas relações com seus pares, demonstrando manifestações afetivas e emocionais de diferentes maneiras.

Esta creche foi escolhida por apresentar as situações que esta pesquisa pretendia analisar, ou seja, há um registro considerável, por parte dos funcionários, de manifestação de expressividade dos bebês apresentada através da mordida, muitas reclamações e solicitações de explicação por parte dos pais e, sem dúvida, uma inquietação vivida pelos profissionais desta unidade educacional que desejam ter mais informações e conhecimentos a respeito. Contudo, foi necessário que os pais e profissionais da creche autorizassem, por escrito, a realização desta pesquisa.

O propósito dessa pesquisa está relacionado, como disse Oliveira (1997, p. 117)

Com a necessidade de poder fazer uma descrição da complexidade de uma determinada situação, compreender e classificar processos dinâmicos e experimentos por diferentes grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança de determinado grupo e permitir, em maior e menor grau de aprofundamento, as particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Desse modo, para a realização desta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Qualitativa, pois segundo Watson (1985, apud Amarildo Menezes, 2003, p.70), esta possibilita uma caracterização com descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis. Além de incorporar o que os participantes dizem, suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões e possibilitar o uso de várias técnicas, como, por exemplos, as que foram utilizadas nesta pesquisa: a observação com o registro em

um diário de campo, a videogravação e a entrevista. É etnográfica porque segundo Gómez (1999, apud Gonzaga, 2006, p. 76).

O estudo etnográfico é o método de investigação pelo que se aprende o modo de vida de uma unidade social concreta. Através da etnografia se persegue a descrição ou reconstrução analítica de caráter interpretativo da cultura, formas de vida e estrutura social do grupo pesquisado. Mas também, sob o conceito de etnografia, referimo-nos ao produto do processo de investigação: um escrito etnográfico ou retrato do modo de vida de uma unidade social.

A escolha do cunho etnográfico também se deve ao fato da primeira autora desta pesquisa fazer parte do contexto da unidade educacional como funcionária. O que proporcionou uma vivência maior no contexto que precisaria ser analisado e enriqueceu as observações e registros com maiores detalhes. Contudo, a pesquisa foi efetivada no seu contra turno de trabalho, em que ficou disponível apenas para realizar as observações e demais etapas da pesquisa.

A observação, instrumento dessa pesquisa, teve o objetivo de analisar as situações em sala de aula em que a mordida aparecia como manifestação, identificando estas situações e analisando como as professoras, estagiárias e auxiliares atuam e as significam, e como os pais as significam. A observação pode ocorrer na nossa vida diária, mas na pesquisa, essa observação pode ajudar a construir dados importantes que auxiliem nas análises dos resultados obtidos (VIANNA, 2003, p.73).

Nessa pesquisa, a observação foi do tipo participante, devido à grande interação entre a observadora e os observados e a vivência com o grupo pesquisado, o que facilitou a compreensão de seus aspectos intrínsecos. Também foi assistemática porque não envolveu o estabelecimento de critérios prévios para orientar o registro do fenômeno observado. Utilizou-se de narrativas de formato flexível, que descreveram minuciosamente, e do modo mais fiel possível, as diferentes facetas e modalidade que caracterizam os sujeitos, grupos ou situações observadas (FERNÁNDEZ-BALLESTEROS apud ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004). A observação foi realizada por aproximadamente uma hora diária, no período de 30 dias, totalizando 30 horas de observação.

A videografia aparece como um instrumento auxiliar da observação e teve sua importância por possibilitar a preservação do fenômeno, a captura de múltiplas pistas visuais e auditivas, e por propiciar ao pesquisador a repetição dessa observação quantas

vezes forem necessárias. Somados os vídeos chegam a aproximadamente 4 horas de gravação.

O diário de campo permitiu descrever o que estava acontecendo à volta, especificando em cada episódio registrado, quem participou desse episódio e o que, onde, como e quando ocorreu, tendo sempre em vista o objetivo de estudo e suas perguntas específicas.

A entrevista foi semiestruturada e apresentada sob a forma de um roteiro preliminar de perguntas, que, à medida que foi sendo realizada pôde ter acréscimo de novas questões, para aprofundamento de alguns assuntos. E teve como objetivo analisar a maneira como os entrevistados interpretam as situações onde a mordida aparece como manifestação. Foram realizadas entrevistas com **10** participantes do berçário e com **10** do grupo I, perfazendo um total de **20** entrevistas, sendo **10** com mães/cuidadoras (os pais não desejaram participar das entrevistas) - duas têm o nível médio concluído, as demais não terminaram o ensino fundamental e a maioria está desempregada; **5** com estagiárias - que cursam a EJA; **3** com auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI's) - que têm o ensino superior concluído ou em andamento e **2** com professoras - com nível superior e especialização. Os participantes foram escolhidos por estarem mais presentes no dia a dia da creche, acompanhando de perto o desenvolvimento das crianças e/ou por já terem passado/presenciado a mordida como manifestação. Todos, por uma questão ética e de preservação de imagem, receberam nomes fictícios, optando-se pelo uso de nomes mais comuns como Maria, Ana etc.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi organizada privilegiando-se dois temas: (i) sentido e significados de pais e profissionais da educação infantil sobre a mordida e (ii) reflexão acerca das intervenções dos adultos no comportamento de morder da criança, como discutidos a seguir.

Sentido e Significados de Pais e Profissionais da Educação Infantil Sobre a Mordida

As significações atribuídas à mordida ganharam interpretações diversas entre os entrevistados porque, como dizem Rossetti-Ferreira et al. (2004), essas significações são compostas por elementos da ordem pessoal, relacional e contextual e também porque receberam influências das várias interações que ocorreram entre os diversos sujeitos com quem convivem, não só entre eles, mas também entre eles e os contextos que os cercavam.

Destarte, analisando a fala dos entrevistados, percebeu-se que a mordida aparece com múltiplos sentidos e significados, uma vez que cada pessoa atribui sentidos próprios e diversos a cada situação. Assim, para 04 das entrevistadas (sendo 2 estagiárias e 2 mães), a mordida ocorre motivada pelo próprio desenvolvimento biológico, como é o caso do surgimento dos dentes que provoca coceira e irritação nos bebês. Exemplo disto está nas duas falas descritas a seguir, quando lhes perguntado por que as crianças mordem, as estagiárias respondem:

Paula: - *É a gengiva coçando. Por causa dos dentes nascendo.*

(estagiária do grupo I)

Maria: - *Eles mordem só por morder mesmo, coceira nos dentes.*

(estagiária do berçário)

Para elas, o fato da mordida ser vista como algo biologicamente motivado, significa que acontece em determinada faixa etária e que não expressa agressividade, pois é apenas uma maneira que a criança encontra de aliviar a coceira provocada pelo surgimento dos dentes. Henri Wallon (1975), autor contribuinte da RedSig, considera que não se pode dissociar o biológico do social, uma vez que eles são complementares desde o nascimento, assim, a vida psíquica só pode ser encarada considerando-se a relação recíproca entre eles. Desse modo, esses movimentos realizados pelas crianças e considerados de origem biológica, serão transformados e utilizados por elas como um canal de comunicação entre os pares, o adulto e o mundo externo, uma vez que esses movimentos também são considerados elementos sociais.

Em contrapartida às opiniões apresentadas anteriormente, estão as falas de outras 10 entrevistadas (8 mães e 2 estagiárias) que dizem que as mordidas ocorrem, em sua maioria, nos momentos de interação entre as crianças e, às vezes, entre as crianças e os adultos, mas precisamente em momentos de disputas de atenção, disputas por espaço, objetos etc. Como exemplo dessas significações está a fala de uma mãe, quando lhe perguntado porque as crianças mordem, ela responde:

Ana: - *Tem umas que mordem por disputa de brinquedo. E outras que mordem durante a brincadeira porque a outra criança faz alguma coisa que ela não gosta, ai ela vai lá e morde.*

(mãe de uma criança de 11 meses)

Para esta mãe, a mordida ganha a significação que lhe é apresentada pelos funcionários da creche quando estes explicam como e porque a mordida ocorreu. Isso também fica evidente nesta outra resposta:

Marta: - *As professoras dizem que ela morde quando ela quer o brinquedo de alguém, ai quando a outra criança não dá, ela morde. A minha filha não morde por nada, só quando tem um motivo.*

(mãe de uma criança de 23 meses)

Assim como **Ana**, **Marta** também acredita que a mordida ocorre em momentos de interação entre os sujeitos e isso está diretamente ligado ao processo de significação que elas trazem sobre a mordida, uma vez que é nas relações e nos diversos contextos que esses processos ocorrem, que há também a troca de papéis e que o sentido de mundo é construído. Essas significações são atravessadas pela linguagem, pela cultura e pela interpretação que cada um faz da situação (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004). Desse modo, estas mães assumiram para si as interpretações que eram mais difundidas na creche e aceitas socialmente, ou seja, que a mordida só ocorre quando a criança é motivada a reagir a alguma outra atitude.

Outros 05 (professoras e ADI's) entrevistados interpretam a mordida como uma necessidade que a criança tem em “dizer” algo, como um sentimento que não pode ser expresso através da fala, por exemplo, ou ainda, como momentos em que emoções de

raiva e ciúme ou estados de ânimo como de irritação ou incômodo prevalecem. As respostas apresentadas a seguir representam esses pensamentos:¹

Betânia: - *(a mordida) é uma forma de expressar o sentimento de que ela não está satisfeita.*

(professora)

Paulo: - *acredito que seja para chamar a atenção e/ou conseguir satisfazer sua vontade. No caso dos menores, é uma forma, assim como o choro, de expressar e conhecer o mundo também.*

(auxiliar de desenvolvimento infantil)

Para **Betânia** e **Paulo**, as crianças agem de acordo com uma necessidade de expressão. Por estarem incomodadas ou sentindo falta de algo e, por não encontrarem outra maneira de dizer o que se passam, elas choram, irritam-se e até mordem os colegas. Dessa maneira, eles trazem significações sobre a mordida que remetem ao advento da emoção como mediadora das interações.

Wallon (1995) diz que é através da emoção que o bebê mobiliza os outros para que eles atendam às suas necessidades e que, a emoção é considerada o primeiro elo do corpo com o meio. Desse modo, antes mesmo de começar a falar, o bebê já se utiliza das expressões que dispõe para comunicar seus desejos e vontades. A Rede de Significações traz a ideia de que nem todo sentido de mundo se reduz apenas à sua forma linguística, assim, as atitudes das crianças relatadas pelos entrevistados acima, ganharam sentidos e significados através das emoções que seus corpos expressavam. E, através delas elas comunicavam o que lhes afetavam.

Em se tratando de comunicação, observa-se que o comportamento dos bebês altera-se ou acentua-se à medida que sofre interferências do meio, do contexto ou dos parceiros de interação. Isto pode ser observado no trecho de um dos relatos de observação descrito abaixo:

Pedro (de 22 meses) aproxima-se de **Sara** (de 21 meses) no intuito de tomar-lhe o brinquedo. **Sara** tenta proteger o objeto gritando e afastando-o do alcance de **Pedro**. Este esboça mais uma reação, dessa vez mais intensa, abrindo a boca para morder a colega, na tentativa de

Uma das estagiárias não respondeu a questão sobre o significado da mordida.

alcançar o feito, mas, antes que ele complete a ação é interrompido pelo grito de uma estagiária que observava de longe e diz: “- NÃO, Pedro. Não é pra morder!”. Então, Pedro se afasta de Sara e desiste do seu objetivo.

Esta cena demonstra como a comunicação que se efetua entre as crianças e entre as crianças e os adultos, atua e modifica o comportamento/gesto de ambos, e de como as situações vividas têm seu papel nesses comportamentos. Isto porque, como se difunde nesse trabalho, é na relação com o *outro* social que o bebê vai construindo seu desenvolvimento e é nestas relações que as suas atitudes tomam forma e significado. (ROSSETTI-FERREIA, et al., 2004). Essas significações também partem dos adultos na medida em que estes condicionam de alguma maneira com gestos, olhares, etc. as atitudes e desenvolvimento dos bebês. Pois, na medida em que o adulto interfere em alguma ação ou interação que a criança esteja realizando/experienciando, ele está, conseqüentemente, alterando o desfecho da situação, como ocorreu no exemplo citado acima, quando a estagiária gritou e impediu que a interação continuasse ocorrendo entre as crianças.

No entanto, no ambiente educacional, a maneira como o professor/educador, o meio e os colegas afetam as ações e emoções das crianças pode tanto ajudar no desenvolvimento como na inibição das suas aprendizagens. O que nos leva a refletir acerca dessas intervenções.

Reflexões Acerca das Intervenções dos Adultos no Comportamento de Morder da Criança

De acordo com a perspectiva teórico metodológica da Rede de Significações, os diversos parceiros que estabelecem interações com o indivíduo assumem-se reciprocamente como sujeitos, no processo de negociar significados de eventos, coisas, pessoas, lugares e sentimentos. Quando perguntado aos entrevistados quais atitudes eles acreditavam que os profissionais ou as mães deveriam tomar diante da situação das mordidas, surgiram respostas como estas:

Raquel: *- A mãe pode conversar com a criança para ela não fazer isso, porque o que acontece é que algumas mães dizem assim: se lhe*

morderem, morda também. A criança nem começou a falar ainda e a mãe já está incentivando ela a revidar.

(professora)

Joana:- *Eu acho assim: quando ela mordesse se mandassem a outra criança morder ela de volta, acho que ela parava.*

(mãe de um bebê de 21 meses)

Percebe-se que as ideias que estas entrevistadas têm sobre a mordida ou a maneira de lidar com ela, muitas vezes, é refletida nas suas atitudes para com a criança que morde. No caso de **Raquel**, ela justifica a ação da criança como algo incentivado por parte de algumas mães, que, por vezes, veem a mordida como uma agressão que deve ser revidada. **Joana** também incentiva a devolutiva da mordida, por parte da “vítima”. E, assim, algumas intervenções ocorrem sem que necessariamente seja investigado o contexto em que elas existiram. Esse significado sobre a mordida, apresentado por essas mães, reflete a interpretação que circula socialmente e que é assumida por alguns dos pais/cuidadores: a de que a criança precisa sentir a dor que provocou no outro para aprender ou deixar de morder.

Pelo fato de que o desenvolvimento ocorre em um processo de mútua constituição, as pessoas atuam a um só tempo, contribuindo ativamente para a circunscrição dos percursos possíveis a seu próprio desenvolvimento, ao desenvolvimento das outras ao seu redor e da situação em que se encontram participando (ROSSETTI-FERREIRA, et al., 2004). Desse modo, os adultos agem, como ilustram os exemplos citados acima, modificando o comportamento e o desenvolvimento dos bebês e, por vezes, até modificando o percurso desse desenvolvimento. E, quase sempre, por não analisarem as múltiplas dimensões nas quais os fenômenos acontecem.

Outro exemplo de interferência está na fala de **Júlia**, quando lhe perguntado o que ela, como mãe, poderia fazer para evitar que as mordidas acontecessem, ela responde:

- No caso do meu filho, eu batia na boca dele, foi, eu entrei com violência porque ele já estava demais (...). Pois, uma vez as mães se reuniram para me pegar, porque o meu filho era conhecido como o mordedor da sala.

(mãe de uma criança de 23 meses)

Júlia em uma atitude de desespero passou a agredir o filho na tentativa de evitar que ele morderse os colegas. Tal atitude expressa a maneira com que a situação era sentida por esta e por outras mães, ou seja, o contexto e as interações dos bebês não eram levadas em consideração porque elas não entendiam que havia uma comunicação entre eles e que esta podia ser feita, até mesmo através das mordidas. Sabe-se que as mães também têm o papel de significar o mundo para o bebê e vice-versa, e são responsáveis por difundir a interpretação sobre a mordida que circula no contexto social, principalmente, o educacional. Porém, o fato marcante para elas era apenas a mordida em si e as atitudes de mal estar causadas por ela. Ocorria assim, a repetição de determinados comportamentos assumidos pelos pais e a mordida passava a ser vista apenas como uma atitude agressiva da criança.

No entanto, o comportamento da criança é constituído, também, por processos de mediação externa (AMORIM, ROSSETTI-FERREIRA, SAULLO, 2013). Ou seja, a maneira como o adulto interpreta a mordida, a reflexão sobre essa faixa etária, as atitudes tomadas pelos adultos para mediar as situações têm um caráter constitutivo tanto nas interações como no desenvolvimento da criança. Assim, as atitudes e considerações a respeito da mordida podem reforçar, circunscrever ou impedir a atitude de morder da criança. Desse modo, as intervenções realizadas pelos adultos, dentro desse processo de socialização, modificavam os papéis e posicionamentos assumidos tanto pelas crianças como pelos adultos, uma vez que se abrem novas possibilidades de ação e interação devido às múltiplas e complexas experiências pessoais e aos vários contextos que estavam envolvidos.

Compreender e analisar as diversas situações que surgem no contexto da creche, não é nada fácil. No extrato do quarto relato de observação descrito a seguir, observam-se as várias interações e interferências que podem surgir em uma única situação:

As crianças estão interagindo entre si e com os brinquedos da sala sob a supervisão das estagiárias. Ana (15 meses) parece perseguir insistentemente outra criança (Ricardo-9 meses) para beijá-la. Ricardo engatinha pela sala fugindo da colega até chegar ao colo da primeira estagiária que pergunta: - O que você quer com ele, Ana? Quer beijá-lo? E continua: - Venha, beije aqui! E aproxima a cabeça de Ricardo para que Ana o beije. Entretanto, uma segunda estagiária que

observava a situação, comenta: - Cuidado, parece um beijo, mas ela pode mordê-lo. Porém, a primeira estagiária continua incentivando a troca de carinho. E todos ficam atentos ao comportamento de Ana. Esta repete algumas vezes a atitude e parece achar graça no que faz, mas, Ricardo parece incomodado e resmunga balançando a cabeça, num gesto de NÃO. Quando a terceira estagiária comenta: - Esta bom, Ana, ele não que mais seu beijo. E a estagiária que está com a criança no colo afasta Ana e procura fazê-la interessar-se por outra coisa.

Mesmo sendo incentivadas pelas próprias estagiárias, as atitudes de **Ana** são observadas com cautela e deixam-nas receosas de que o beijo se transforme em uma mordida, fazendo-as intervir quando acham necessário. Mais uma vez, as intervenções dos adultos, desta vez, três estagiárias, mostram que os aspectos das pessoas em interação e os diversos contextos envolvidos devem ser vistos de maneira inseparáveis e como constituintes do processo do desenvolvimento. Pois, cada adulto envolvido na cena tem uma interpretação sobre a mordida que direta ou indiretamente influencia e intervém nas atitudes das crianças, desse modo, aquela que vê a mordida como uma possibilidade de interação entre as crianças incentiva e até estimula o contato entre as elas, enquanto as outras duas que vêm a mordida como uma tentativa de agressão entre as crianças, limita e, por vezes, até evitam que essa interação ocorra.

Assim, o modo como a mordida é vista pelos adultos que atuam junto às crianças reflete na maneira destes agirem diante desse tipo de situação. E são essas atitudes que, por vezes, determinam o desenrolar da situação, encaminham as ações das crianças e até transferem aos pais/cuidadores os significados que uma mordida pode assumir.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo geral dessa pesquisa, identificar e analisar as situações de interação em sala de aula, em uma turma de berçário e outra de grupo I, em que a mordida aparece como manifestação, foram analisadas situações de interação entre as crianças e entre elas e os adultos na tentativa de pontuar os sentidos, significações e intervenções que eram construídas e de que maneira elas estavam imbricadas no desenvolvimento das crianças.

A pesquisa não teve a proposta de apontar quais atitudes devem ou não ser seguidas, mas sim, de apreender os vários elementos envolvidos nessas situações, analisando os sentidos e significados que nelas se destacavam. Os resultados apontam que a mordida é significada pelos participantes com motivações de ordem biológica, interacional, pela necessidade de expressão emocional ou do estado de humor das crianças. E que o processo de significação varia de acordo com a formação dos entrevistados, pois, enquanto os entrevistados de nível fundamental e médio entendem a mordida como algo relacionado com fatores biológicos ou de ordem interacional, os de nível superior as interpretam como uma necessidade de expressão da criança. Já as intervenções apresentadas vão desde uma limitação imposta nas interações que ocorrem entre as crianças ao incentivo por parte de algumas mães, das crianças replicarem/revidarem a mordida. No que se refere aos achados de Rossetti-Ferreira, Saullo, e Amorim (2013) sobre a criança mordedora, os aspectos que se assemelham aos desta pesquisa são aqueles que apontam para o caráter dialógico e constitutivo das interações visando lançar outro olhar sobre a infância. Porém, a pesquisa aqui apresentada vai além porque reflete sobre as significações que emergem dessas interações e sobre as intervenções dos adultos no comportamento de morder das crianças que podem intervir e/ou modificar o processo de desenvolvimento delas.

Desse modo, as significações apresentadas sobre a mordida estão relacionadas com o contexto sociocultural do qual os entrevistados/observados fazem parte, pois, assumem-se as interpretações que circulam socialmente, principalmente, no contexto educacional da creche. E, por vezes, parece haver um consenso sobre o que levaria uma criança a morder outra, porém, pode-se dizer que as interações e intervenções nas quais os contextos se apresentam têm suas especificidades e podem diferir de outros que venham a ser pesquisados. Destarte, vale ressaltar aqui a complexidade que há em se trabalhar com os diversos contextos nos quais as crianças estão inseridas, seja ele o familiar, o educacional, etc. e que várias questões permanecem em aberto: Quais trabalhos a escola/creche está promovendo para que a comunidade escolar tenha uma melhor compreensão sobre a mordida? O que influencia para que o ato da mordida seja substituído por outro? O advento da fala cessa a atitude de morder?

Muitas perguntas ainda surgirão e precisarão de mais investigações, assim, estas e outras questões podem ser respondidas em futuras investigações. Pois, a pesquisa aqui desenvolvida visa estimular o surgimento de mais estudos sobre o tema e, assim como a

pesquisa de Amorim, Rossetti-Ferreira e Saullo (2013), promover também melhores condições de desenvolvimento para crianças que frequentam creches e pré-escolas, fornecendo material que pode ser consultado por profissionais da área e demais interessados.

REFERÊNCIAS

AMORIM, K. de S. et al. O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. **Temas psicol.** [online]. v. 20, n. 2, pp. 309-326. Ribeirão Preto, SP, 2012. ISSN 1413-389X. <http://dx.doi.org/10.9788/TP>.

AMORIM, K. de S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; A matriz sócio-histórica. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S.; Amorim, A. P. S. Silva & A. M. A. Carvalho (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. pp. 94-112. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANJOS, A. M. dos; AMORIM, K. de S.; FRANCHI E VASCONCELOS, C. R. e ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Interações de bebês em creche. **Estud. psicol. (Natal)** [online]. v. 9, n. 3, pp. 513-522, 2004. ISSN 1413-294X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300014>.

BUJES. M. I. E. “Escola Infantil: Pra que te Quero?” In: **Educação Infantil Para Que Te Quero?** CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Orgs.). Porto Alegre: Artmed, p. 13-22, 2001.

BUSSAB, V. S. R. e RIBEIRO, F. L. Biologicamente cultural. Em L. Souza, M. F. Q. Freitas e M. M. P. Rodrigues (Orgs.). **Psicologia - reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

BRASIL. Lei n° 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. 26 de dezembro de 1996.

GALVÃO, I. **Henry Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 19. Ed.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GONZAGA, A. M. “A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa”. In: **Pesquisa em Educação: Alternativas Investigativas com objetos complexos**. PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). Ed. Loyola. São Paulo, SP, pp. 65- 88, 2006,

MOURA, M. L. S. de; FERREIRA, M. C. **Projetos de Pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de; SOARES-SILVA, A. P.; AMORIM, K. de S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Desafios Metodológicos na Perspectiva da Rede de Significações**. Cadernos de Pesquisa, 38(133): pp. 147-170, 2008.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; MELLO, A. M.; VITORIA, T.; GOSUEN, A.; CHAGURI, A. C. **Os Fazeres na Educação Infantil**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., VITÓRIA, T. A **Creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. Cadernos de Pesquisa, n. 109, março/2000 143 São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-40, 1994.

SAULLO, R. F. M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. e AMORIM, K. de S. **Cuidando ou tomando cuidado? agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche**. *Pro-Posições* [online]. vol. 24, n. 3, pp. 81-98, 2013. ISSN 0103-7307. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072013000300006>.

VENEZIAN, J. de A., OLIVEIRA, B. R. e ARAUJO, M. A. da C. "O manejo da agressividade da criança: o que uma mordida quer dizer?" In: **Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito**, Ano 7, 2008, São Paulo.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação - a observação**. Brasília: ed. Plano. 2003. Série Pesquisa em Educação, v. 5.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. Tradução Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: ed. Nova Alexandria. 1995.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: ed. Estampa. 1975.